

Castelo de Amieira do Tejo

Levantamento no âmbito da arqueologia da arquitectura

Leo Wevers

Engenheiro-arquitecto

Desde 2005 que se encontram em curso obras de recuperação no Castelo de Amieira do Tejo. O Instituto Português do Património Arquitectónico, Direcção Regional de Évora, Divisão de Obras, Conservação e Restauro, deu início à primeira fase, que visa a recuperação da torre de menagem e a conservação das coberturas das torres. O restauro, co-financiado pelo FEDER, o Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, ofereceu uma oportunidade excelente para desenvolver mais detalhadamente um levantamento e estudo no âmbito da arqueologia da arquitectura ao qual se refere o presente artigo.

Premissas para o estudo

Apesar do restauro profundo realizado em 1949-1950, o Castelo de Amieira do Tejo apresenta ainda suficientes alvenarias originais para se poder realizar um levantamento no âmbito da arqueologia da construção.

No período de 1949-1950 o castelo foi sujeito a uma intervenção de grande amplitude através da qual diversas partes do século XVI até ao século XX foram eliminadas e substituídas por obra de restauro. A pesquisa de arquivo dirigiu-se por isso para o Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), onde se encontra arquivada a documentação sobre estes restauros, incluindo fotografias antigas que foram pormenorizadamente estudadas.

Paralelamente a esta investigação, Pedro Cid (CID, 2004) desenvolvia uma extensa pesquisa histórica e de arquivo tendo-se procedido à análise dos documentos até então transcritos.

Para a interpretação da compartimentação interior e funções das construções desaparecidas intramuros foi consultada alguma bibliografia genérica e temática relevante. Durante o trabalho de campo foram foto-



1. Castelo de Amieira do Tejo, vista de nascente

Leo Wevers

grafados e parcialmente medidos todos os vestígios de construção visíveis. Este levantamento fotográfico exaustivo é acompanhado de uma descrição alargada dos vestígios de construção detectados e do hipotético faseamento da obra. Nesta investigação não foram considerados métodos de análise destrutivos nem a realização de estudos parciais de elementos construtivos (marcas de canteiro, estudos de cor, etc.) que são, contudo, indispensáveis para o confronto de dados e aferição/validação de conclusões. *A posteriori* vieram a ser realizados estudos específicos sobre o Castelo de Amieira do Tejo, cujo teor é tornado público nesta revista, mas que não foram submetidos a uma análise conjunta, o que confere um carácter provisório às conclusões que seguidamente se apresentam que resultaram da análise das fontes então disponíveis.

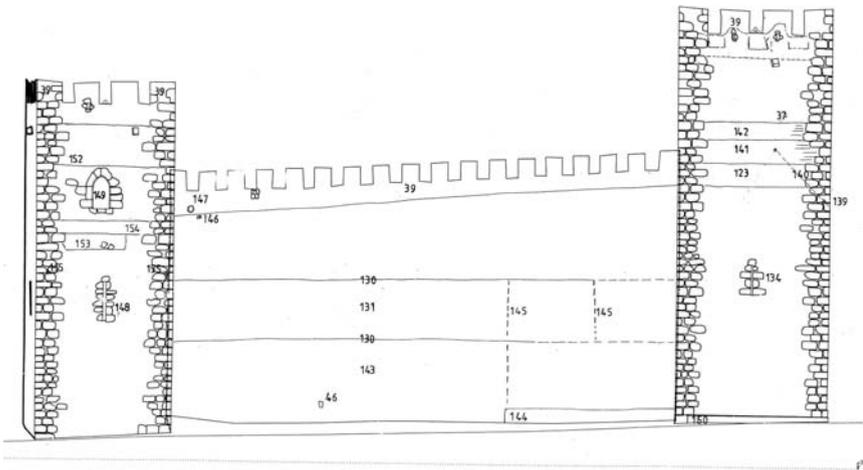
Vestígios de construção nos paramentos extramuros e intramuros

Nos desenhos que agora se publicam são indicados os vestígios de construção que puderam ser registados numa observação a partir do exterior (os primeiros quatro desenhos) e a partir do pátio (os últimos quatro). Pela informação recolhida através deste levantamento

Legenda dos vestígios de construção aplicável a todos os desenhos e vistas dos paramentos

1. Juntas decorativas, calcário, com a espessura de 8 mm. Provavelmente, corresponde a uma junta de imitação no espaço de entrada por baixo da abóbada (século XVI).
2. Marca de canteiro. Esta marca é muito elaborada. Trata-se, talvez, de uma marca de canteiro principal.
3. Mísula decorativa da abóbada de cruzaria com nervuras (século XVI).
4. Reboco existente na parede por baixo da abóbada. O acabamento da parede é, possivelmente, posterior às juntas decorativas (vestígio n.º 1).
5. Alvenaria da porta principal (século XVI). A alvenaria é posterior à alvenaria da primeira fase de construção do castelo. Nas faces interiores da moldura da porta distinguem-se os pequenos vãos circulares dos gonços, o vão de encaixe da tranca da porta e também fragmentos de reboco.
6. Vão de encaixe de uma mísula desaparecida, provavelmente igual ao vestígio n.º 3 (século XVI).
7. Vãos de encaixe de vigamento do pavimento sobre a abóbada da entrada.
8. Vão entaipado com tijolos. Altura cerca de 1,25 m-1,50 m acima do nível do pavimento do espaço do primeiro andar (vestígio n.º 7).
9. Linha inclinada do contorno da cobertura da ala principal (século XVI). Inclinação da cobertura 33°.
10. Vão de encaixe de viga entaipado.
11. Vão de encaixe de viga da estrutura da cobertura entaipado.
12. Escada da torre de menagem reconstruída (1949-1950).
13. Portas e/ou janelas da torre de menagem posteriores (provavelmente do século XVI).
14. Vestígios de arcos sobre vãos anteriores. Possivelmente correspondem aos arcos quebrados das portas originais.
15. Fragmentos de marcas de canteiro.
16. Vãos de encaixe de vigamento.
17. Vãos de encaixe de estrutura de parede.
18. Vão de encaixe de viga (da cobertura?).
19. Vão de encaixe de viga com cerca de 6 cm X 6 cm (da cobertura?).
20. Fresta.
21. Vão de encaixe de viga com cerca de 6 cm X 6 cm (da cobertura?).
22. Série de vãos de encaixe de vigamento entaipados.
23. Vão de encaixe de mísula sob arco desaparecido, com cerca de 65 cm X 34 cm X 10 cm-15 cm.
24. Contorno da abóbada de cruzaria (século XVI).
25. Vão ou nicho com cerca de 20 cm X 10 cm X 7 cm (século XVI?).
26. Vão de encaixe de parede entaipado com tijolo.
27. Vão de encaixe de viga (nível do pavimento do primeiro andar).
28. Vão de encaixe de viga (nível do tecto do primeiro andar).
29. Vão de encaixe de viga (nível do tecto do primeiro andar).
30. Dois vãos de encaixe com função desconhecida.
31. Contorno vertical no reboco do primeiro andar (vestígio de uma parede em madeira?).
32. Vãos de encaixe de vigamento do tecto 14 cm X 9 cm, distância entre eixos 36 cm.
33. Alvenaria posterior, entaipamento de um vão na torre.
34. Vão de encaixe de viga entaipado. Observa-se que este vão se situa por cima do contorno da cobertura.
35. Linha inclinada do contorno da cobertura da ala principal (século XVI). Inclinação da cobertura 33°.
36. Vão de encaixe de uma parede ou arco desaparecidos.
37. Linha horizontal do contorno sobre a torre sudeste (junta de construção horizontal da torre?).
38. Gárgula da torre sudeste.
39. Zona de alvenaria reconstruída do adarve (1933).
40. Cachorros decepados.
41. Vão de encaixe de viga.
42. Contornos verticais de uma parede perpendicular ou chaminé.
43. Vão de encaixe de viga.
44. Zona de alvenaria entaipada, parede perpendicular desaparecida.
45. Linha horizontal do contorno do telhado de uma ala lateral ou anexo.
46. Seteira ou janela pequena com cerca de 30 cm X 20 cm.
47. Cachorro intacto, ligeiramente inclinado.
48. Linha horizontal, possivelmente do contorno de uma cobertura.
49. Vestígio de um vão de encaixe de viga.
50. Dois vãos de encaixe de vigas.
51. Vão de encaixe de viga.
52. Cachorro de viga decepado.
53. Pequeno vão de encaixe quadrado (ferro?).
54. Série de vãos de encaixe de vigas.
55. Limite horizontal de camada de reboco.
56. Linhas de contorno vertical de uma parede perpendicular.
57. Série de cachorros decepados.
58. Vão de encaixe de viga (de parede).
59. Linhas de contorno verticais (paredes perpendiculares em madeira?).
60. Zona de alvenaria com juntas recentes.
61. Linha de contorno horizontal no reboco (nível do pavimento?).
62. Dois vãos de encaixe de vigas 30 cm X 20 cm eixo a eixo 150 cm.
63. Linha de contorno vertical de uma parede perpendicular.
64. Porta da traição.
65. Vãos de encaixe de vigamento 8 cm X 8 cm eixo a eixo 30 cm (cobertura ou série de encaixe de vigas?).
66. Série de cachorros decepados.
67. Linhas de contorno vertical de uma parede perpendicular.
68. Linha de contorno inclinado do telhado.
69. Linha de contorno inclinado do telhado de uma construção secundária ou anexo.
70. Pedra ligeiramente inclinada (entaipamento de uma seteira?).
71. Vãos de encaixe de vigamento do tecto.
72. Vãos de encaixe de vigamento do tecto 14 cm X 9 cm, distância entre eixos 36 cm. Idêntico ao vestígio n.º 32.
73. Fundação da parede do pátio da ala principal.
74. Linhas do contorno vertical de uma parede perpendicular.
75. Linha de um contorno horizontal no reboco (nível do tecto).
76. Linha de um contorno horizontal no reboco (nível do tecto).
77. Linha inclinada do contorno da cobertura de uma construção secundária ou anexo. Inclinação da cobertura 18°.
78. Vão entaipado do encaixe de uma viga da estrutura da cobertura.
79. Linhas de contorno vertical de uma parede perpendicular.
80. Dois vãos entaipados de encaixe de vigas.
81. Dois vãos entaipados de encaixe de vigas.
82. Linhas de contorno vertical de uma parede perpendicular com os vãos de encaixe entaipados.
83. Linha horizontal de um contorno no reboco (provavelmente o resultado da remoção do reboco durante as obras de restauro em 1949-1950).
84. Linha horizontal de um contorno no reboco (provavelmente o resultado da remoção do reboco durante as obras de restauro em 1949-1950).
85. Linha de um contorno inclinado (de escada ou cobertura?).
86. Vão de encaixe de uma fachada de empena da ala principal (entaipado).
87. Vãos de encaixe de vigamento da cobertura da ala principal.

88. Vãos de encaixe com função desconhecida (hurdício?).
89. Série de vãos entaipados de encaixe com função desconhecida (vãos dos andaimes de construção?).
90. Vão entaipado na fachada da torre de menagem (janela anterior?).
91. Vão de encaixe de uma fachada de empena da ala posterior (entaipado).
92. Vãos de encaixe de vigamento da cobertura da ala posterior.
93. Vão de encaixe de viga, diâmetro 7 cm.
94. Zona de alvenaria de entaipamento (nicho do cemitério do século XIX, entaipado em 1949-1950).
113. Junta de construção horizontal da torre de menagem (?).
114. Junta de construção horizontal da torre de menagem (?).
115. Vão entaipado na fachada da torre de menagem (janela ou aberta entre ameias anteriores?).
116. Cachorro intacto (cobertura da barbacã?).
117. Arco quebrado (reconstrução durante as obras de restauro de 1949-1950).
118. Linhas de contorno vertical de uma parede perpendicular (barbacã?).
119. Janela rectangular (século XVI).
120. Zona entaipada de uma seteira (vestígio n.º 132).
121. Vãos de encaixe de vigamento da cobertura do anexo (quinta destruída durante as obras de restauro de 1949-1950).
122. Fragmento de junta decorativa (século XVI?).
123. Linha horizontal com três fiadas de pedra amarela (junta de construção horizontal?).
124. Linha horizontal do contorno da cobertura (da barbacã?).
125. Pedra e vão de encaixe de viga entaipado.
126. Junta de construção vertical de um vão anterior, presentemente entaipado, na fachada da torre de menagem (janela ou aberta entre ameias anteriores?).
127. Vestígio de construção (janela?).
128. Junta de construção horizontal da torre de menagem (?).
129. Zona de alvenaria com juntas decorativas, espessura de 40 mm-45 mm; ver também vestígio n.º 156.
130. Limite horizontal da camada de reboco.
131. Reboco (no espaço da barbacã?).
132. Seteira alterada (era mais alta; ver vestígio n.º 120).
133. Janela com arco quebrado e mainel em estilo gótico (data de 1734 no interior sobre o mainel).
134. Seteira original.
135. Zona entaipada com alvenaria em tijolo (posterior).
136. Janela com arco quebrado (posterior ou recuperada no século XV?).
137. Zona entaipada no parapeito sobre a janela.
138. Vão de encaixe de viga (?) entaipado.
139. Vão de encaixe de viga (?) entaipado (da cobertura?).
140. Linha inclinada do contorno da cobertura (?).
141. Zona de alvenaria com seis camadas de pedras pequenas.
142. Zona de alvenaria com pedras amarelas pequenas.
143. Zona de alvenaria com pedras amarelas.
144. Junta de construção vertical na fundação da fachada.
145. Linhas de contorno vertical de uma parede perpendicular (?).
146. Gárgula da fachada sul.
147. Zona entaipada com alvenaria em tijolo (posterior).
148. Seteira.
149. Janela posterior com arco quebrado (último quartel do século XV – primeiro quartel do século XVI ?).
150. Soco da torre.
151. Pedra mutilada no decurso de confrontos militares (?).
152. Junta de construção horizontal da torre (?).
153. Zona de alvenaria de entaipamento (posterior).
154. Linha de contorno horizontal na torre.
155. Vão de encaixe de viga (de andaimes?).
156. Zona de alvenaria com juntas decorativas, espessura de 40 mm-45 mm (século XVI?).
157. Série de vãos de encaixe de vigamento com cerca de 20 cm X 15 cm-20 cm, eixo a eixo 1,50 m.
158. Linha horizontal do contorno da cobertura de uma construção secundária ou anexo.
159. Vão de encaixe de viga (?).
160. Vão de encaixe de viga (?).
161. Vão de encaixe de viga, diâmetro com cerca de 8 cm.
162. Parte de bloco de pedra mutilado.
163. Vão de encaixe de viga (de andaimes?).
164. Janela posterior com arco quebrado (século XV?).
165. Parte de bloco de pedra mutilado.
166. Zona de alvenaria de entaipamento (posterior?).
167. Zona de alvenaria de entaipamento (latrina anterior?).
168. Vãos de encaixe de viga, diâmetro com cerca de 8 cm.
169. Fragmento de alvenaria do pano de apanhar de uma chaminé.
170. Linhas de contorno vertical da parede perpendicular de um anexo (?).
171. Linha horizontal do contorno do tecto (?).
172. Série de vãos de encaixe de vigamento (?).
173. Linha horizontal do contorno do tecto (?).
174. Linha horizontal do contorno do tecto (?).
175. Linha horizontal do contorno do tecto (?).
176. Série de vãos de encaixe de vigamento (?).
177. Seteira posterior.
178. Janela de arco quebrado (posterior, século XV?).
179. Janela de arco angular (século XV?).
180. Zona de alvenaria de entaipamento (janela anterior?).
181. Zona de alvenaria de entaipamento (seteira anterior?).
182. Zona de alvenaria de entaipamento (seteira anterior?).
183. Enxalço do lado esquerdo da seteira original.
184. Zona de alvenaria de entaipamento (seteira anterior?).
185. Vão de encaixe de viga.
186. Linha inclinada de contorno (de chaminé?).
187. Linha inclinada de contorno (de chaminé?).
188. Zona de alvenaria de entaipamento (contorno da parede perpendicular de um anexo).
189. Junta de construção ou linha de contorno da parede de um anexo (?).
190. Série de vãos de encaixe de vigamento, distanciamento de eixo a eixo cerca de 50 cm.
191. Linhas de contorno vertical da parede perpendicular de um anexo (?).
192. Alvenaria diferente da fundação da fachada sul.
193. Linha horizontal do contorno da cobertura (?).
194. Série de vãos de encaixe de vigamento (?), distanciamento de eixo a eixo cerca de 1,50 m/1,75 m.
195. Linha horizontal de contorno com função desconhecida.
196. Linha de contorno horizontal sobre camada de reboco.
197. Parte de pedra mutilada.
198. Vão de encaixe de viga (de andaimes?).
199. Vão de encaixe de viga (?).
200. Vão de encaixe de viga (?).
201. Linha inclinada de contorno de cobertura.
202. Vão de encaixe de viga cerca de 8 cm X 8 cm.
203. Linha inclinada de contorno da cobertura.
204. Vão de encaixe de viga (de escadas em madeira?).
205. Zona de alvenaria de entaipamento.
206. Zona de alvenaria de entaipamento (janela anterior da torre de menagem?).



2. Desenho do paramento exterior da muralha sul com levantamento dos vestígios de construção. Levantamento gráfico Oz-diagnóstico 2002, registo dos vestígios do autor

no âmbito da arqueologia da arquitectura pode dizer-se que a planta do castelo, propriamente dito, obedece a um único plano de construção e que houve, pelo menos, duas fases de obra nos edifícios que se situavam no interior. Os vestígios de construção mostram, em geral, a forma original da fortificação e denunciam a amplitude das obras de restauro realizadas nos anos 1949-1950. É também indicada a maior parte dos vestígios de construção do século XVI já conhecidos, bem como vestígios de menor importância das construções secundárias erigidas contra as muralhas do castelo.

O levantamento no interior das torres foi menos detalhado por falta de visibilidade e de acesso – durante a investigação não foi possível a entrada no piso térreo das três pequenas torres, mas prevê-se que muitos vestígios de construção possam existir por trás do reboco das fachadas.

Sinopse sobre as fases de construção

Conclusões provisórias decorrentes dos vestígios de construção observados.

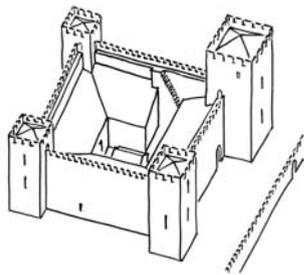
Fase 1 (cerca de 1350-1360)

A partir dos dados históricos e da bibliografia consultada sabe-se que o Castelo de Amieira do Tejo foi construído durante os anos de 1350-1360 por ordem do monge-guerreiro Álvaro Gonçalves Pereira, prior da Ordem dos Hospitalários. Em geral é conhecido que a estrutura actualmente existente, com a planta rectangular reforçada por quatro torres nas esquinas, foi construída nesta primeira fase de obra.

A planta do castelo mede 22,0 m × 26,0 m (lado sul) e 27,5 m do lado norte pelo interior da muralha principal. Os espaços das torres quadrangulares medem de lado 6,20 m (torre de menagem), 3,75 m (torre sudeste), 3,30 m (torre sudoeste) e 2,80 m (torre noroeste). A muralha e as torres têm paredes com 1,78 m de espessura. A partir do sistema métrico (do final) da Idade Média, Duarte de Armas assinala as medidas de “vara” e “palmo”, que mediam respectivamente 1,10 m e 0,22 m. Aplicando essas medidas, o Castelo de Amieira tem uma planta de 20 por 24 ou 25 varas e paredes de 1 vara e 3 palmos de espessura. A torre de menagem tem 5 varas e 3 palmos, a torre sudeste 3 varas e 2 palmos, a torre sudoeste 3 varas e a torre noroeste 2 varas e 3 palmos.

A maioria dos vestígios de construção detectados são do século XVI e posteriores. Felizmente há ainda alguns vestígios de construção que dão mais informações sobre a forma inicial do castelo no século XIV.

No interior do pátio do castelo os vários cachorros decepados encontrados pertenciam às coberturas dos edifícios intramuros. A altura destes cachorros, a 7,0 m acima do nível do pátio, algumas vezes não corresponde aos níveis dos edifícios posteriores. Os cachorros medem 23 cm × 25 cm e são de granito. Na fachada sul encontram-se dois bem definidos (vestígio n.º 40) e dois mais difíceis de identificar (vestígios n.ºs 50 e 52). Na fachada oeste há uma série de quatro cachorros e a distância entre eles varia de 3,0 m a 4,5 m. Na fachada norte há mais três cachorros (vestígio n.º 66). Na fachada principal, a fachada este, a camada de reboco cobre provavelmente os cachorros decepados. O vestígio n.º 8 é provavelmente também um cachorro decepado. Disto resulta a interpretação de que o castelo, no século XIV, tinha quatro alas à volta do pátio. Provavelmente as dimensões destas alas eram as mesmas das da última fase (Fase 3) e correspondem às fundações existentes. Só uma escavação arqueológica permitirá avaliar a veracidade desta hipótese. Porque não se encontram contornos inclinados destas coberturas acima do nível dos cachorros, provavelmente estes edifícios tinham coberturas de uma água. Só na fachada norte o vestígio n.º 85 pode indicar uma cobertura com duas águas, neste caso da ala principal, mas a interpretação deste vestígio não é fácil.



3. Reconstrução hipotética da volumetria do castelo na fase 1 (cerca de 1350-1360)

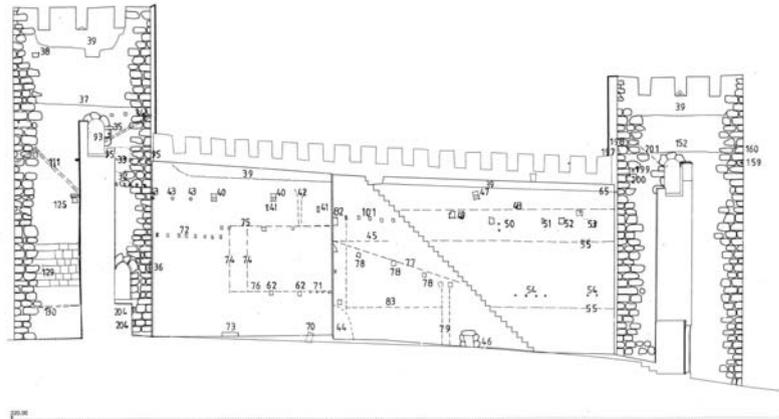
Leo Wevers



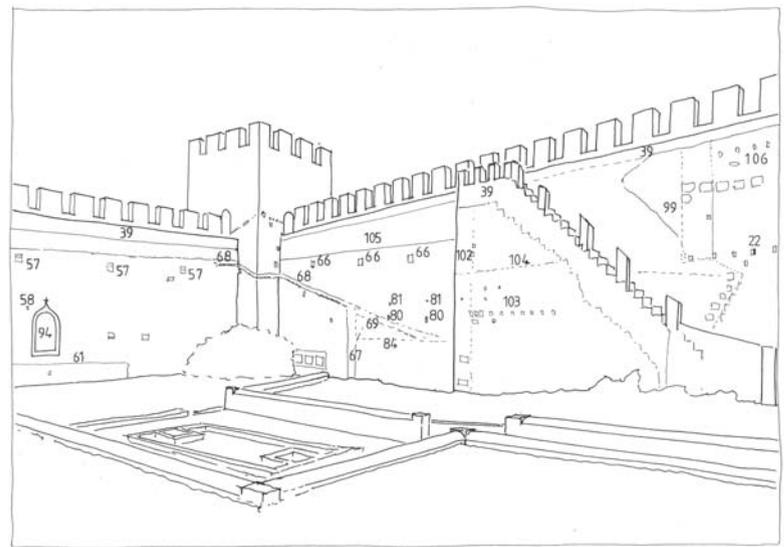
4. Vestígio n.º 40. Cachorro decepado
Leo Wevers

O local da capela inicial não foi possível identificar durante a investigação. Também a datação da cisterna não é clara, mas pode pertencer ao século XV e assentar numa cisterna mais antiga.

No exterior das fachadas do castelo há vários vestígios de construção relacionados com a primeira fase da obra. Primeiramente coloca-se a hipótese de a altura inicial das torres ser mais baixa que a actual. Na torre de menagem distinguem-se três juntas de construção ou linhas entre vários tipos de alvenaria diferentes (vestígios n.ºs 113, 114 e 128) e pelo menos um destes representa uma fase de construção na torre de menagem. Também nas outras torres se encontram juntas de construção horizontal (vestígios n.ºs 37 e 152). Especialmente a junta de construção n.º 37 estava muito visível em 1949 nas fotografias da DGEMN. Na torre de menagem existem alguns vestígios que talvez estejam relacionados com as janelas ou ameias da primeira fase de construção (vestígios n.ºs 115 e 126). Também do ponto de vista do estudo tipológico, parece normal ter uma torre de menagem mais baixa e uma pequena diferença de altura – cerca de 2,0 m – entre as muralhas e as outras torres.

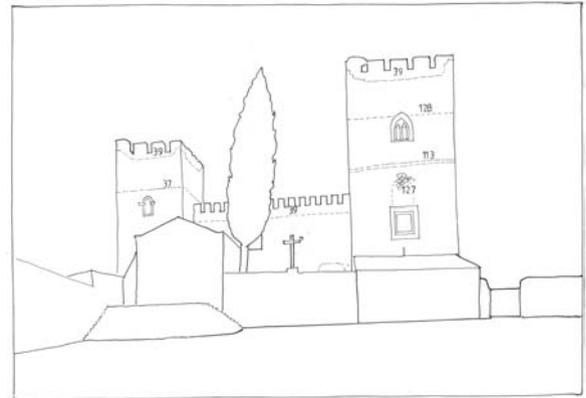


5. Desenho do paramento interior da muralha sul com levantamento dos vestígios de construção. Levantamento gráfico Oz-diagnóstico 2002, registo dos vestígios do autor

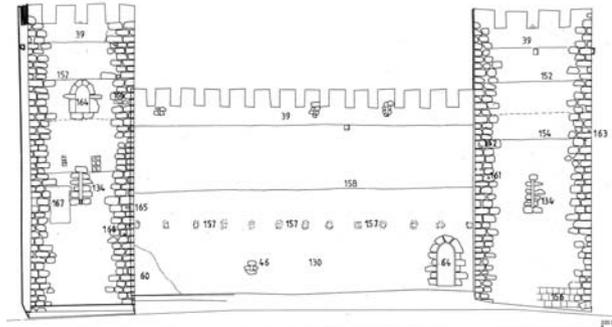


6a e 6b. Vista sobre a torre noroeste e muralhas laterais, anterior às obras de 1949. Coleção de fotos DGEMN/DREM-Sul/DM n.º 167510. Registo dos vestígios de construção, feitos pelo autor a partir da fotografia

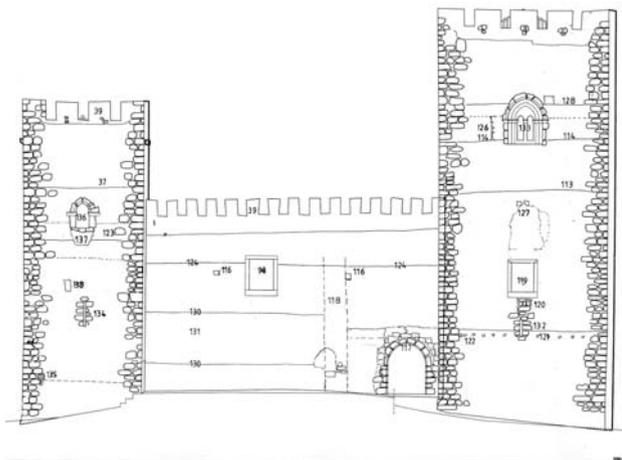
7a e 7b. Vista sobre o paramento exterior da muralha este, anterior aos trabalhos de restauro de 1949. A porta principal da barbacã foi entaipada e a parte nordeste foi transformada numa quinta. Coleção de fotos DGEMN/DREM-Sul/DM n.º 167501. Esboço do autor relativo à fotografia da torre de menagem com vestígios de duas janelas anteriores e pintura decorativa à volta da janela mais baixa



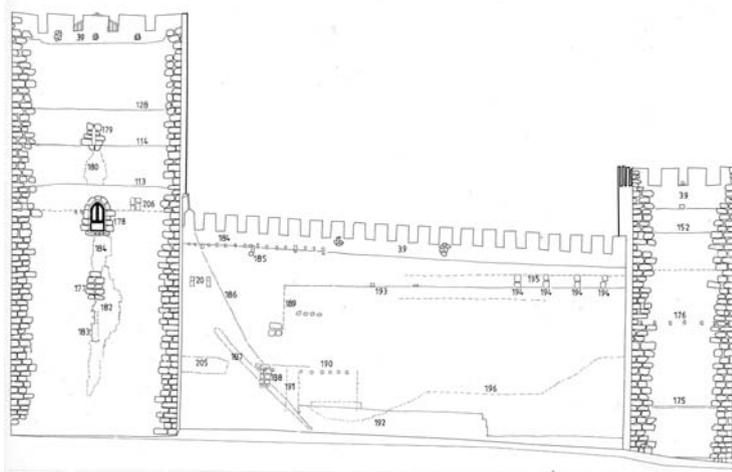
8. Desenho do paramento exterior da muralha oeste com levantamento dos vestígios de construção. Levantamento gráfico Oz-diagnóstico 2002, registo dos vestígios do autor



9. Desenho do paramento exterior da muralha este com levantamento dos vestígios de construção. Levantamento gráfico Oz-diagnóstico 2002, registo dos vestígios do autor



10. Desenho do paramento exterior da muralha norte com levantamento dos vestígios de construção. Levantamento gráfico Oz-diagnóstico 2002, registo dos vestígios do autor



Existem ainda vários vestígios de construção que indicam que as janelas foram alteradas numa fase de construção posterior. Na torre de menagem e muralha este encontram-se duas janelas rectangulares do século XVI (vestígios n.ºs 98 e 119). Na torre de menagem o vão da seteira era originalmente mais alto (vestígios n.ºs 120 e 122). Entre a janela rectangular e a janela gótica (vestígio n.º 133) existem vestígios de uma janela ou seteira pequena (vestígio n.º 127). Estes vestígios parecem indicar que os níveis foram alterados numa fase de construção posterior, na fachada norte da torre de menagem é visível idêntica situação. A torre tinha, provavelmente, só duas seteiras (vestígios n.ºs 181 e 183).

As outras torres mostram, igualmente, seteiras e janelas posteriores. Por baixo da janela gótica da torre sudeste (vestígio n.º 136) encontra-se o vestígio n.º 137, que representa, provavelmente, a zona de uma seteira entaipada. Também as janelas góticas n.ºs 149 e 164 da torre sudoeste e noroeste parecem posteriores à primeira fase de construção do castelo.

Entre a barbacã e a entrada na fachada este existia, provavelmente, uma construção de barbacã coberta (vestígios n.ºs 116 e 118).

Com estas informações pode concluir-se que o Castelo de Amieira do Tejo, durante a primeira fase de construção, foi provavelmente um edifício de carácter puramente militar, com um exterior muito fechado e com torres mais baixas. As grandes janelas actuais ainda não deviam existir.

Nesta época o castelo foi utilizado pela Ordem dos Hospitalários – ordem fundadora – como base militar integrada na longa linha de defesa de fortalezas do Tejo, posicionado entre as fortificações de Belver e do



Crato. Provavelmente Amieira do Tejo ainda não tinha uma função residencial e apresentava características puramente militares.

Fase 2 (cerca de 1440-1450)

Durante o tempo da crise dinástica de 1383-1385, apesar do Castelo de Amieira ter sido palco de alguns conflitos militares, não existem informações sobre incidentes ou ataques. Contudo, no cerco de 1440 o castelo foi verdadeiramente afectado durante a contenda entre a rainha D. Leonor e o regente D. Pedro. Com base no presente estudo só é possível datar esta segunda campanha de obras entre a primeira fase de 1350-1360 e as alterações de 1515 e é provável que durante a contenda de 1440 o castelo tenha sido parcialmente destruído e depois reconstruído e modificado.

A segunda fase de construção mostra uma importante transformação no carácter do castelo. Foi provavelmente nessa altura que as três pequenas torres foram hipoteticamente alteadas cerca de 3,75 m e a torre de menagem cerca de 6,50 m. As respectivas faixas mais elevadas de alvenaria diferem bastante da alvenaria da primeira fase – as juntas de construção horizontais foram já mencionadas. Os novos compartimentos das respectivas torres, os mais altos, foram dotados de janelas com arcos quebrados. As janelas das três pequenas torres (vestígios n.ºs 136, 149, e 164) são muito semelhantes entre si e foram abertas posteriormente na alvenaria existente. As molduras de granito das janelas parecem reutilizadas, porque as pedras talhadas estão danificadas nos cantos (vestígios n.ºs 136 e 133). Ao nível da tipologia, a janela da torre

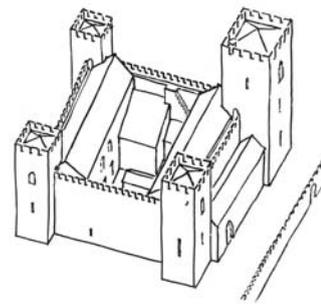
sudoeste decorada com as semiesferas aparenta ser mais moderna e pode datar do final do século XV ou do início do século XVI. As pedras da moldura desta, tal como as da janela da torre noroeste (vestígio n.º 164), não parecem ser reutilizadas tendo sido provavelmente colocadas novas na muralha existente. A janela gótica da torre de menagem (vestígio n.º 133) foi provavelmente também recuperada nesta fase de construção. Nestas janelas foram possivelmente reutilizadas cantarias da primeira fase do castelo eventualmente das fachadas dos edifícios do lado do pátio.

Estas modificações têm alguma importância, porque mostram que o castelo inicial “puramente militar” foi transformado em castelo “residencial”. Isto provavelmente só foi possível após os estragos de 1440 e depois de a linha de fronteira ter sido transferida mais para sul e a importância militar dessa linha de defesa ter diminuído significativamente. Durante esta fase de construção os últimos pisos das torres foram transformados em compartimentos residenciais.

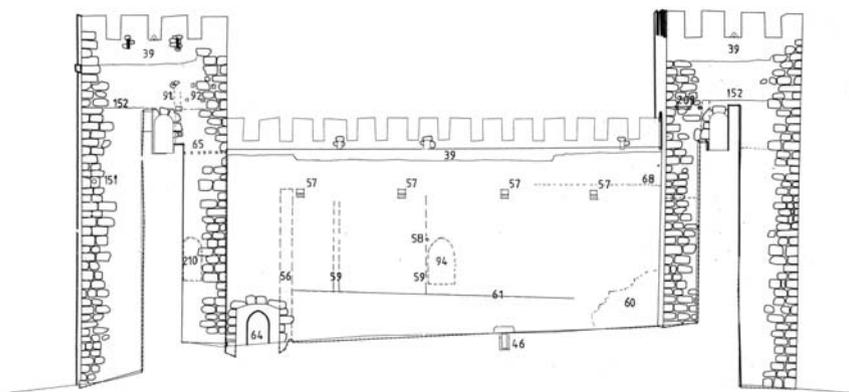
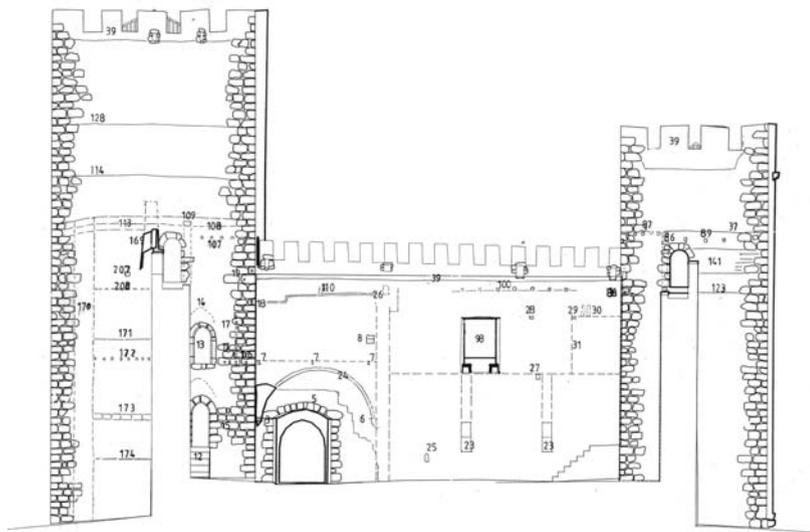
Sobre os edifícios que existiram dentro da muralha não temos muitas informações, mas é provável que estes também tenham sido modernizados e alterados. Provavelmente a maioria dos vestígios de construção da ala principal datam desta época. Por exemplo, a diferença entre os níveis do pavimento da sala principal (vestígio n.º 27) e o nível do pavimento sobre a abóbada da entrada (vestígio n.º 7) mostra que neste volume da ala principal existiram duas fases de construção, provavelmente de 1440-1450 e 1515. A partir desta hipótese, parece muito provável que as paredes principais (vestígios n.ºs 26, 73, 74 e 99), as várias séries de vãos de encaixe de vigas (vestígios n.ºs 72, 33, 22 e 96) e os vestígios das coberturas (vestígios n.ºs 9, 10, 11, 34, 35, 86, 87, 107, 108 e 109) datem da segunda fase de construção. Os arcos de suporte do pavimento superior que se encontram no rés-do-chão desta ala – posteriores à primeira fase de construção – integram-se provavelmente nesta fase de trabalhos (vestígio n.º 23).

Também a ala traseira foi provavelmente reconstruída e alargada. Aqui especialmente o vestígio n.º 65 mostra que existiu uma fase de construção entre a primeira fase e a última fase realmente importante, a

11. Vestígio n.º 116. Cachorro intacto (cobertura da barbacã?)
Leo Wevers



12. Reconstrução hipotética da volumetria do castelo na fase 2 (cerca de 1440-1450)
Leo Wevers



13 e 14. Desenhos do paramento interior das muralhas este e oeste com levantamento dos vestígios de construção. Levantamento gráfico Oz-diagnóstico 2002, levantamento dos vestígios do autor

terceira fase. Este vestígio mostra um nível de pavimento à altura do adarve, isto é, mais alto do que o nível inicial (vestígio n.º 57) e o nível da terceira fase (vestígio n.º 68) que corresponde à mesma altura do nível da primeira fase. Aqui os vestígios das coberturas são menos evidentes e visíveis, mas estão provavelmente também relacionados com esta segunda fase de construção (vestígios n.ºs 91, 92, 201, 202 e 203). As paredes do pátio e as paredes interiores deste edifício podem pertencer à construção da primeira fase, mas podem também datar desta segunda fase (vestígios n.ºs 56 e 67).

Os edifícios ou anexos levantados contra as muralhas sul e norte provavelmente também foram renovados ou modernizados. Sobre a fachada sul existem vários



15. Vestígio n.º 34: vão de encaixe de viga entaipado. Observa-se que este vão se situa por cima do contorno da cobertura. Vestígio n.º 35: linha inclinada do contorno da cobertura da ala principal (século XVI). Inclinação da cobertura 33°. Vestígio n.º 93: vão de encaixe de viga com diâmetro de 7 cm (1933?)

Leo Wevers

vestígios da segunda e terceira fases de construção. Possivelmente os vestígios n.ºs 41, 62, 75, 77, 78 e 79 pertencem a esta segunda fase. Os vestígios n.ºs 80 e 81, que se encontram sobre a fachada norte, também correspondem à segunda fase de construção, tal como os vestígios n.ºs 102, 103 e 104.

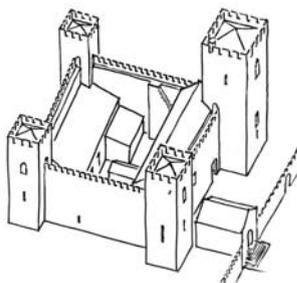
Sobre a origem da cisterna não existe muita informação. A aplicação dos arcos torais sob a abóbada situa-se no século XV. Por outro lado, as últimas paredes do pátio seguem a forma e localização desta cisterna. Com base nos desenhos do livro de Duarte de Armas, parece provável que esta cisterna tenha tido por cima um pequeno edifício, localizado no centro do pátio.

Depois da análise efectuada constata-se que nesta segunda fase de construção o Castelo de Amieira do Tejo deixou de ser uma fortificação com fins militares para se transformar numa sede mais residencial da Ordem dos Hospitalários.

Fase 3 (1515)

Com base na informação de arquivo sabe-se que em 1515 decorriam obras no Castelo de Amieira. Numa carta de D. Manuel a Vasco Anes, vedor das obras reais, fala-se das obras nos "muros e fortalezas da dita vila da Amieira".

Desta fase são facilmente perceptíveis as duas janelas rectangulares (vestígios n.ºs 98 e 119) e a alteração da porta principal (vestígio n.º 5). Mas estas alterações implicaram também outras modernizações. A janela



16. Reconstrução hipotética da volumetria do castelo na fase 3 (1515)

Leo Wevers



17. Vestígio n.º 23. Vão de encaixe de mísula sob arco desaparecido, cerca de 65 cm × 34 cm × 10 cm-15 cm

Leo Wevers

18. Vestígio n.º 65. Vãos de encaixe de vigamento 8 cm × 8 cm, distanciamento entre eixos 30 cm (cobertura ou série de encaixe de vigas?)

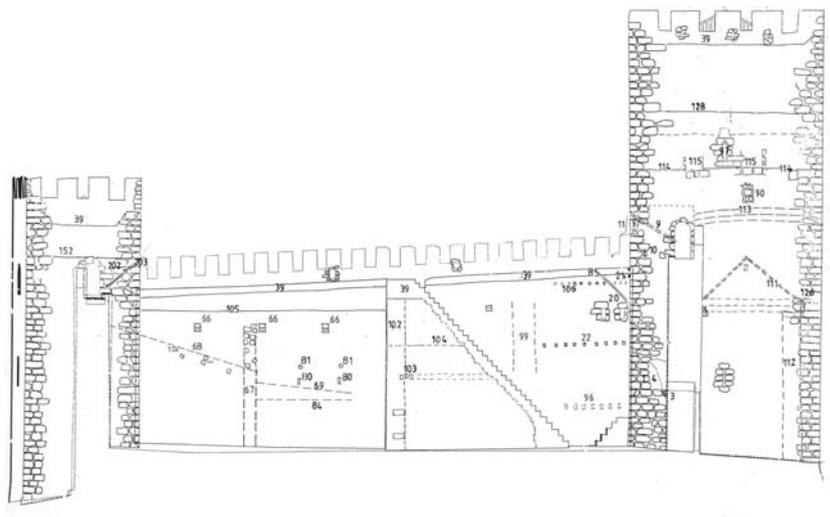
Leo Wevers

na torre de menagem (vestígio n.º 119) mostra que houve uma modificação dos níveis dos pavimentos nesta torre, porque as janelas anteriores foram entaipadas (vestígios n.ºs 120, 127, 180, 181, 182 e 183). Isto é também notório no lado do pátio (vestígios n.ºs 13 e 14). Modificar os níveis dos pavimentos da torre de menagem significa que todos os seus espaços foram alterados. No interior da torre de menagem os cachorros dos conjuntos de vigas, as chaminés, etc. datam desta fase de construção. No terceiro andar da torre, a janela da fase de construção anterior (vestígio n.º 97) situa-se actualmente quase ao nível do pavimento, provavelmente como resultado desta significativa alteração.

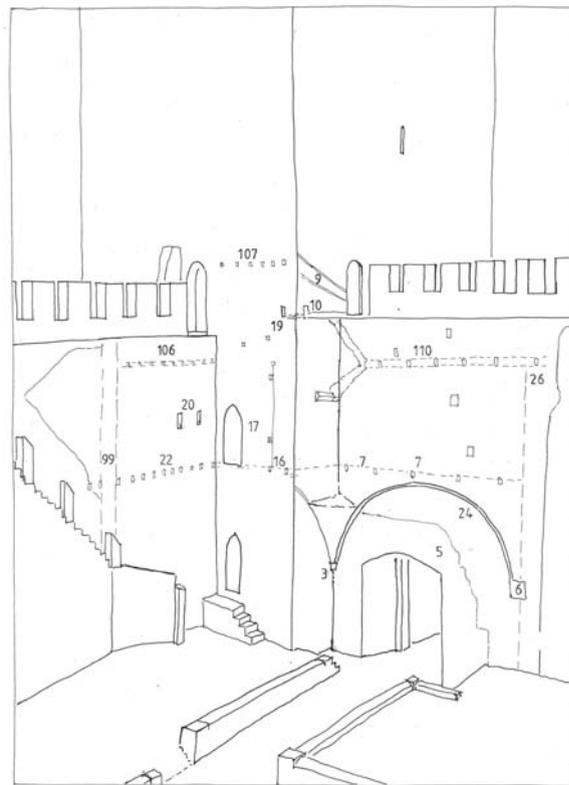
A modernização da janela da ala principal na fachada este (vestígio n.º 98) implica que foi demolido o edifício que existia dentro da barbacã para defender a entrada principal, porque os cachorros e o nível da cobertura deste edifício não correspondem à posição desta janela (vestígios n.ºs 116 e 124). O pormenor de assentamento das molduras do vão na parede em granito da fachada – salientes em relação ao alinhamento do paramento – corresponde à espessura de uma camada de reboco e/ou conjunto de juntas decorativas (vestígios n.ºs 129 e 156).

No outro lado da fachada, a construção desta janela implicava também a modernização da sala e a principal. Aqui foi colocada, provavelmente, uma parede divisória em madeira e construído um nível intermédio (vestígios n.ºs 31 e 32). Na entrada, não só a porta principal foi modernizada (vestígio n.º 5), mas também a abóbada de cruzaria com nervuras e cachorros (vestígio n.º 4), o acabamento das paredes (vestígio n.º 1) e a altura do pavimento do compartimento por cima desta entrada (vestígio n.º 7). Relacionado com a moderni-

19. Desenho do paramento interior da muralha norte com levantamento dos vestígios de construção. Levantamento gráfico Oz-diagnóstico 2002, registo dos vestígios do autor



20a e 20b. Vista sobre a torre de menagem anterior às obras de 1949. Colecção de fotos DGEMN/DREM-Sul/DM n.º 167499 e esboço do autor relativo à fotografia com marcação dos vestígios de construção

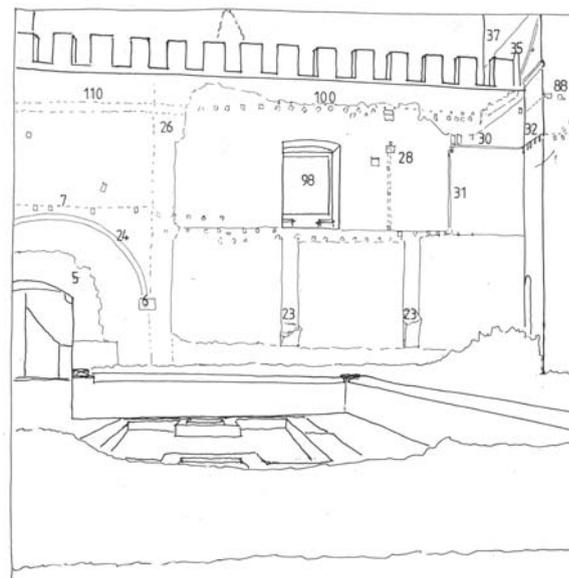


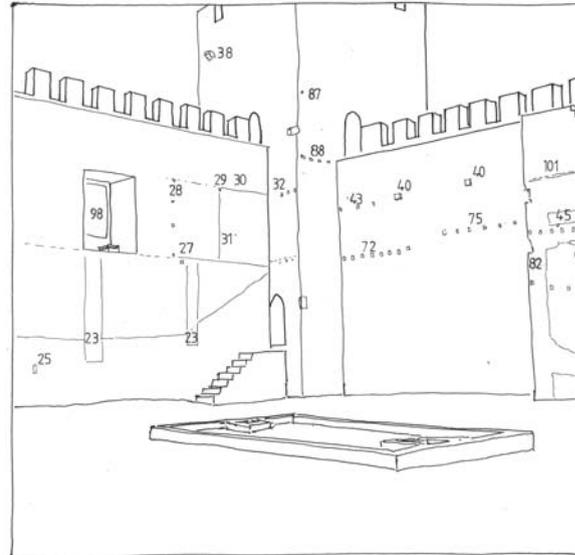
zação do interior da torre de menagem foram modificadas também as portas de acesso ao pátio (vestígio n.º 13). Nos últimos pisos das outras torres foram executadas, provavelmente nesta altura, as pinturas murais.

Quanto aos edifícios confinantes com as muralhas do pátio não temos certezas sobre a amplitude da modernização. Partindo do ponto de vista de que desde

o século XVI não ocorriam fases de construção significativas, é possível que também a ala traseira tenha sido alterada, isto quer dizer, diminuída. Aqui o contorno inclinado do último telhado ainda é visível (vestígio n.º 68), no entanto, também é possível que a forma do século XV tenha sido ainda conservada e que só no século XVII o volume desta ala tenha sido diminuído. Temos a mesma dúvida relativamente às modificações

21a e 21b. Vista do paramento interior da muralha este, anterior às obras de 1949. Colecção de fotos DGEMN/DREM-Sul/DM n.º 167482 e esboço do autor relativo à fotografia com marcação dos vestígios de construção





22a e 22b. Vista sobre a torre sudeste e fachadas laterais, durante as obras de 1949. Coleção de fotos DGEMN/DREM-Sul/DM n.º 167481 e esboço do autor relativo à fotografia com vestígios de construção

introduzidas nos edifícios construídos contra a muralha norte e sul do pátio actual. É possível que os vestígios de um pequeno anexo que existiu no lado norte datem desta fase de construção (vestígios n.ºs 69 e 84). No lado sul, o contorno do último telhado de um anexo ainda era visível até às obras de 1949-1950 (vestígio n.º 45).

Para concluir pode afirmar-se que a terceira fase de construção correspondeu a uma modernização

importante, determinada pelas necessidades internas do castelo, cujas premissas foram a qualidade, a estética e o conforto dos espaços.

As alterações distinguem-se pelo uso dos tijolos na construção; na abóbada da entrada (vestígios n.ºs 4 e 24) e na janela da ala principal (vestígio n.º 98) estes notam-se facilmente. A aplicação deste material por trás do reboco, juntamente com as juntas decorativas da torre sudeste (vestígio n.º 135), parece confirmar



23. Vestígio n.º 32: vãos de encaixe de vigamento do tecto com 14 cm X 9 cm, de eixo a eixo mede 36 cm. Vestígio n.º 33: alvenaria posterior, entaipamento de um vão na torre. Vestígio n.º 95: série de vãos de encaixe de vigamento do tecto (?)

Leo Wevers

24. Vestígio n.º 4: reboco existente na parede por baixo da abóbada. O acabamento da parede é, possivelmente, posterior às juntas decorativas (vestígio n.º 1)

Leo Wevers

25. Vestígio n.º 1. Juntas decorativas, calcário, com espessura de 8 mm. Provavelmente, corresponde a uma junta de imitação no espaço de entrada por baixo da abóbada (século XVI)

Leo Wevers



a inclusão desta modernização estética do exterior nesta fase de construção.

Fase 4 (1556)

Por cima da porta da Capela de São João Baptista encontra-se uma lápide com a cruz da Ordem de Malta ladeada por duas rosas que contém gravada a seguinte inscrição: "IOHANES NOMEM EIUS 1556". A partir desta observação presume-se que a capela tenha sido construída nesse ano.

No entanto, durante as recentes obras de restauro foi descoberto um nicho mais antigo, por cima desta porta, por trás do reboco. Este facto indica que é possível que a capela seja mais antiga e possa datar de uma fase de construção anterior, por exemplo da campanha de obras de 1515.

Fase 5 (século XVII – primeira metade do século XVIII)

Da bibliografia existente conclui-se que a partir do século XVI já existia uma situação de abandono e de degradação, resultante da inactividade bélica e da falta de manutenção. Isto pode ser correcto, mas existem no entanto alguns factos que indicam que o abandono não terá sido assim tão rápido. No desenho de Pedro Nunes Tinoco (1620-1621) faltam várias alas laterais, mas a ala oeste ainda existia. Depois, a quantidade de vestígios de construção encontrados sobre as fachadas, no interior do pátio, indicam que houve diversas alterações de pequena envergadura depois das obras de 1515.

Finalmente, existe uma data específica sobre o mainel da janela de arco quebrado, no último piso da

torre de menagem (vestígio n.º 133). No lado interior desta coluna encontra-se a data de 1734. Desconhece-se se se procedeu à modernização apenas desta coluna ou se da totalidade da janela, mas certo é que decorriam ainda na altura obras de manutenção na torre de menagem.

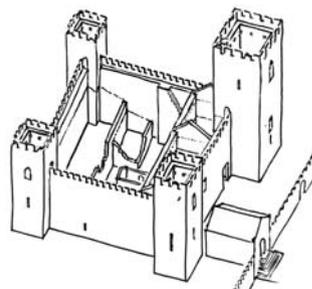
Fase 6 (segunda metade do século XVIII – XIX)

A partir da segunda metade do século XVIII, a situação de abandono e de degradação é conhecida através da documentação de 1759, onde se refere que as quatro torres não têm já "sobrados nem telhados e a sala principal entre as duas primeiras torres está arruinada".

As fotografias de 1949 e os vestígios de construção sobre a muralha exterior do castelo mostram que para compensar a degradação dos edifícios intramuros havia construção nova no perímetro exterior da muralha. Contra esta foram sendo gradualmente construídos vários estábulos, casebres de habitação e pocilgas. Os vestígios n.ºs 121, 122, 145, 157, 158 e 184 até 195 relacionam-se com estas construções. Os últimos vestígios mencionados, sobre a muralha norte do castelo, contêm também alguns vestígios difíceis de explicar. A série de vãos de encaixe de vigas à altura do adarve (vestígios n.ºs 184 e 185) indica que um destes edifícios foi efectivamente alto ou que tinha um espaço especial ao nível do adarve. A linha horizontal (vestígio n.º 193) e os blocos de pedra peculiares (vestígio n.º 194) talvez se relacionem com um anexo importante ou uma muralha medieval mais baixa com ameias mais largas. Perto da torre de menagem existem ainda dois contornos de linhas inclinadas e fragmentos de uma enorme chaminé, talvez de uma forja.

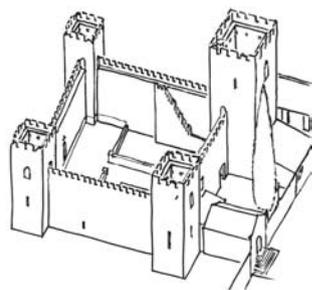
Fase 7 (1846)

Após a lei de 1846, os enterramentos foram proibidos no interior da igreja e passaram para o recinto do castelo. Porque a praça de armas – o novo cemitério da vila – só tinha acesso pela porta da igreja, esta nova função também garantiu algum cuidado na manutenção deste espaço. Hoje podemos dizer que este uso tornou impossível a devassa dos castelos no século XIX, isto é, a sua destruição em consequência da reutilização das pedras nos edifícios das redondezas.



26. Reconstrução hipotética da volumetria do castelo na fase 6 (segunda metade do século XVIII – XIX)

Leo Wevers



27. Reconstrução hipotética da volumetria do castelo na fase 7 (1846)

Leo Wevers



As fotografias de 1949 e o vestígio n.º 94 – um nicho entaipado – ainda recordam esta fase do castelo.

Fase 8 (1933)

Em 1933, onze anos após a classificação do castelo como Monumento Nacional, foram empreendidas pela DGEMN as primeiras obras de restauro. Estas foram orientadas para a conservação das quatro torres com as respectivas ameias. Uma fotografia dos anos 40 do século XX apresenta uma vista aérea do castelo e mostra que não só as ameias das quatro torres foram restauradas mas também as ameias do adarve situado entre elas.

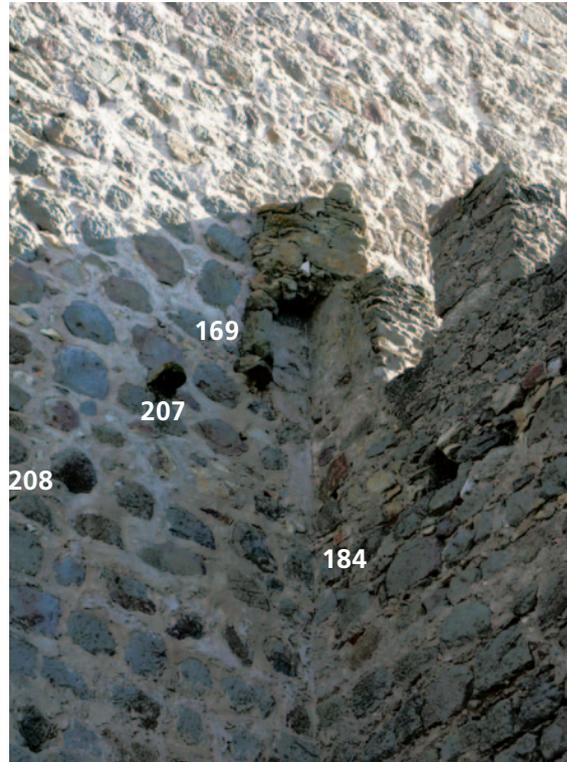
Actualmente estas obras distinguem-se facilmente no imóvel pela aplicação de blocos de pedra muito pequenos nas ameias e na zona por baixo do adarve (vestígio n.º 39).

Fase 9 (1942-1948)

Já anteriormente à intervenção de 1949-1950 várias obras de restauro tinham sido executadas por diferentes construtores civis.

A partir de Dezembro de 1942 iniciaram-se diversas obras no castelo, por exemplo, a montagem de alvenaria argamassada para consolidação de muralhas, a colocação de cantaria de granito picada a fino e assentamento em arcos, a demolição de paredes de alvenaria argamassada em muros, a construção de escadas e o desentapamento de vãos. Nesta campanha de obras foram restaurados, provavelmente, os vários tectos das torres.

Em Novembro de 1944, as obras compreenderam a demolição de paredes, remoção de entulhos e construção de placas de betão armado. Estas placas de betão referem-se, provavelmente, aos pavimentos



28. Vestígio n.º 46: seteira ou janela pequena com cerca de 30 cm X 20 cm. Vestígio n.º 60: zona de alvenaria com juntas recentes. Vestígio n.º 157: série de vãos de encaixe de vigamento com cerca de 20 cm X 15-20 cm, de eixo a eixo mede 1,50 m
Leo Wevers

29. Vestígio n.º 169: fragmento de alvenaria do pano de apanhar de uma chaminé. Vestígio n.º 184: zona de alvenaria de entaipamento (seteira anterior?). Vestígio n.º 207: pedra ou cachorro. Vestígio n.º 208: linha horizontal do contorno do tecto (?)
Leo Wevers

das torres ao nível do adarve. Depois, foram expropriadas e demolidas as construções que existiam na liça e feito o restauro da barbacã. Em 1947 foram ainda colocadas vigas e construídas as coberturas das torres.

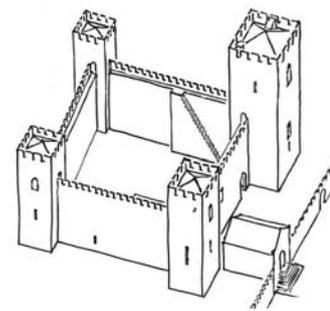
Fase 10 (1949-1950)

A grande campanha de restauro do castelo teve lugar durante os anos 1949-1950. As obras mais importantes foram a transformação da porta da torre de menagem, a construção da porta principal da barbacã, o restauro do esgrafitado do tecto da capela, a execução do pavimento de tijoleira nas torres, a aplicação do reboco no interior da torre de menagem e as caiações na capela.

Nas fotografias dos anos 1949-1950 distinguem-se a alteração da porta principal, a limpeza do pátio das paredes baixas do antigo cemitério, o restauro das escadas adossadas ao pano da muralha, a abertura da porta falsa do castelo, o entaipamento dos pequenos vãos de encaixe das vigas e a remoção total dos vestígios de construção dos antigos edifícios intramuros.

Fase 11 (1961-1986)

Entre 1961 e 1985 foram executadas várias obras de conservação. Em 1961 foram realizadas diversas

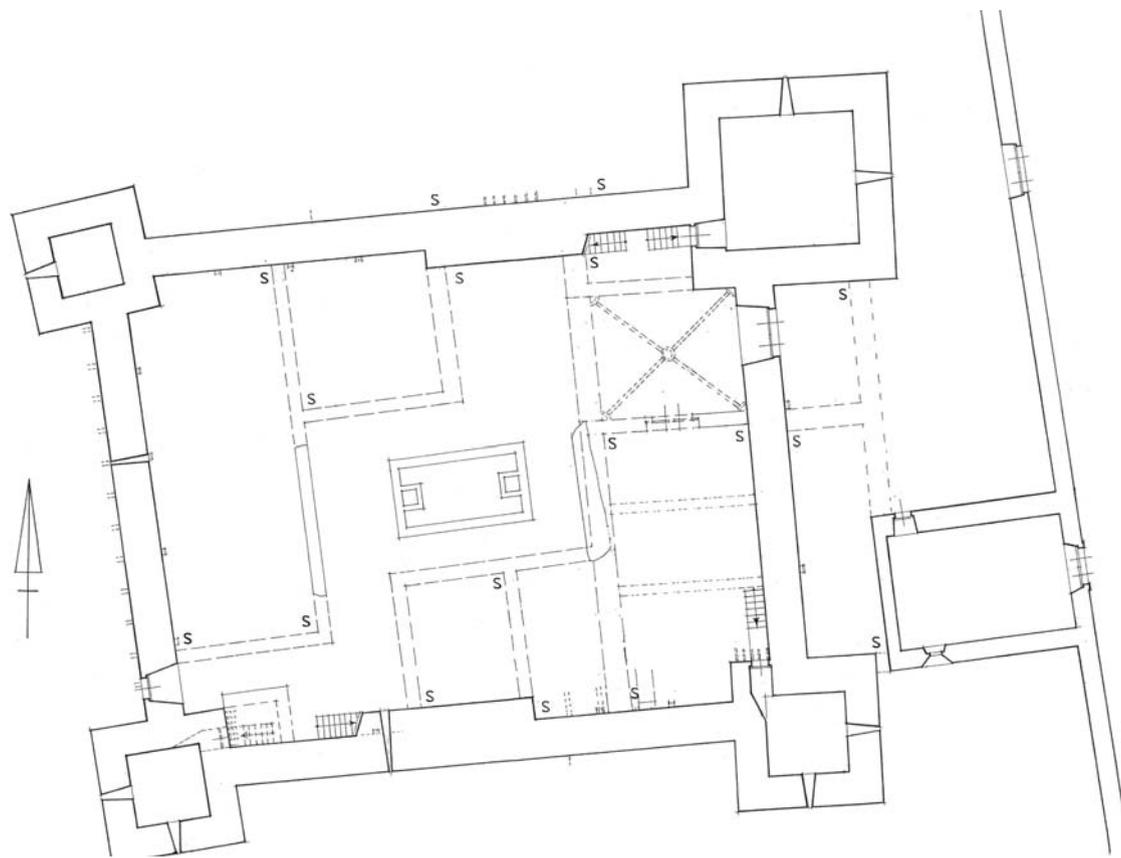


30. Reconstrução hipotética da volumetria do castelo na fase 10 (1949-1950)

Leo Wevers

31. Planta com indicação dos locais onde poderão existir estruturas no sub-solo que deverão ser objecto de estudo arqueológico

Leo Wevers



obras de manutenção nos telhados das quatro torres. Em 1979 foram executadas mais obras de manutenção – pintura geral, caiação da capela, limpeza do telhado e refechamento de juntas em duas zonas de alvenaria. No ano de 1986 foram executados trabalhos de electrificação e iluminação pública. A última obra que teve lugar no castelo foi a renovação e modernização da torre de menagem no final dos anos 90 do século XX.

Conclusão

Através da pesquisa detalhada dos sistemas construtivos presentes no Castelo de Amieira do Tejo abrem-se novas perspectivas para a interpretação da evolução histórica deste imóvel de cariz militar. Outras pesquisas deverão contudo vir a ser realizadas no futuro para que do confronto de saberes se possa chegar a um conhecimento mais abrangente e próximo da realidade. Referem-se, em particular, o levantamento das marcas de canteiro, a datação dos materiais, estudos de cor e rebocos e escavações arqueológicas.

Não foi incluído no presente estudo um levantamento detalhado de marcas de canteiro tendo, no entanto, algumas sido identificadas. Em princípio inicial-

mente todo o trabalho de cantaria terá sido registado com marcas de canteiro. Um levantamento desta natureza permite adquirir uma imagem tão completa quanto possível sobre a sua distribuição e, por outro lado, estabelecer relações entre diferentes grupos de marcas e diferentes fases de construção. É por isso recomendável que se execute um levantamento detalhado, aquando da realização de futuros trabalhos de restauro, particularmente nas zonas de intervenção.

À data de conclusão da investigação, o IPPAR tinha prevista a realização de uma pesquisa arqueológica na praça de armas do castelo que se veio a realizar ainda em 2005. A partir do presente estudo no âmbito da arqueologia da arquitectura foi possível definir recomendações detalhadas para a investigação arqueológica. Para verificar a planta hipotética das fundações dos edifícios intramuros incluiu-se no relatório da investigação uma planta com a proposta para futuras zonas de sondagens arqueológicas (Fig. 31). Considerava-se muito importante que estas se fizessem, do ponto de vista da arqueologia da construção, especialmente junto à muralha existente, porque os níveis dos pavimentos e as dimensões das fundações e paredes internas

podiam dizer muito sobre as funções originais destes edifícios já desaparecidos. Também aqui seria talvez possível remover os acabamentos das paredes abaixo do nível do terreno existente. Eventualmente poderiam encontrar-se acabamentos de reboco, pintura, cal, azulejos e juntas decorativas. Sobre a planta com a proposta de sondagens arqueológicas foram também marcadas algumas zonas no exterior, nomeadamente

no lado este entre a porta principal da barbacã e a porta principal do castelo. Aqui também se previam encontrar fundações e pavimentos de um edifício ou de uma zona com cobertura da barbacã.

Do indispensável confronto dos estudos parciais, ainda não efectuado, poderá vir a confirmação ou a rejeição de algumas hipóteses sobre as fases de construção agora avançadas, especialmente a primeira.

Arquivos consultados

DGEMN

Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), Castelo de Amieira do Tejo.

DREMS n.º 12.12.02/003 Memórias descritivas e orçamentos. Correspondência geral (1942-1986).

Bibliografia

ARMAS, Duarte de – *Livro das Fortalezas do Reino, 1509-1510*. Fac-símile do maço n.º 159 da casa-forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Introdução de CASTELO BRANCO, Manuel da Silva. Lisboa. 1997.

BOTTO, Margarida Donas – *Castelo de Amieira do Tejo*. Guia do IPPAR. Lisboa. 2001.

CID, Pedro – *Castelo de Amieira do Tejo. Estudo para monografia do IPPAR, recolha documental*. Lisboa. 2004.

DGEMN – *Castelo de Amieira do Tejo*. In *Boletim dos Monumentos Nacionais*. N.º 61. Setembro de 1950.

MONTEIRO, João Gouveia – *Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*. Coimbra. 1999.